

**XXX CONGRESSO NACIONAL DO
CONPEDI FORTALEZA - CE**

**SOCIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E CULTURA
JURÍDICAS**

GILMAR ANTONIO BEDIN

JOSÉ RENATO GAZIERO CELLA

JOSÉ VAGNER DE FARIAS

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria - CONPEDI

Presidente - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - FMU - São Paulo

Diretor Executivo - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC - Santa Catarina

Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa - Pará

Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG - Goiás

Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos - Rio Grande do Sul

Vice-presidente Sudeste - Profa. Dra. Rosângela Lunardelli Cavallazzi - UFRJ/PUCRio - Rio de Janeiro

Vice-presidente Nordeste - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

Representante Discente: Prof. Dr. Abner da Silva Jaques - UPM/UNIGRAN - Mato Grosso do Sul

Conselho Fiscal:

Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara - SKEMA/ESDHC/UFMG - Minas Gerais

Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UFERSA - Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Fernando Passos - UNIARA - São Paulo

Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP - São Paulo

Secretarias

Relações Institucionais:

Prof. Dra. Claudia Maria Barbosa - PUCPR - Paraná

Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA - Bahia

Profa. Dra. Daniela Marques de Moraes - UNB - Distrito Federal

Comunicação:

Prof. Dr. Robison Tramontina - UNOESC - Santa Catarina

Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS - Sergipe

Relações Internacionais para o Continente Americano:

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM - Rio Grande do sul

Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto - UPM - São Paulo

Relações Internacionais para os demais Continentes:

Profa. Dra. Gina Vidal Marcilio Pompeu - UNIFOR - Ceará

Profa. Dra. Sandra Regina Martini - UNIRITTER / UFRGS - Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Maria Claudia da Silva Antunes de Souza - UNIVALI - Santa Catarina

Eventos:

Prof. Dr. Yuri Nathan da Costa Lannes - FDF - São Paulo

Profa. Dra. Norma Sueli Padilha - UFSC - Santa Catarina

Prof. Dr. Juraci Mourão Lopes Filho - UNICHRISTUS - Ceará

Membro Nato - Presidência anterior Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

S678

Sociologia, antropologia e cultura jurídicas [Recurso eletrônico on-line] Organização CONPEDI

Coordenadores: Gilmar Antonio Bedin; José Renato Gaziero Cella; José Vagner de Farias. – Florianópolis: CONPEDI, 2023.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5648-876-9

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Saúde: Acesso à justiça, Solução de litígios e Desenvolvimento

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Sociologia e antropologia. 3. Culturas jurídicas. XXX Congresso Nacional do CONPEDI Fortaleza - Ceará (3; 2023; Florianópolis, Brasil).

CDU: 34



XXX CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI FORTALEZA - CE

SOCIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E CULTURA JURÍDICAS

Apresentação

No XXX Congresso Nacional do CONPEDI, realizado nos dias 15, 16 e 17 de novembro de 2023, o Grupo de Trabalho - GT “Sociologia, Antropologia e Cultura Jurídicas I”, que teve lugar na tarde de 17 de novembro de 2023, destacou-se no evento não apenas pela qualidade dos trabalhos apresentados, mas pelos autores dos artigos, que são professores pesquisadores acompanhados de seus alunos pós-graduandos. Foram apresentados 08 (oito) artigos objeto de um intenso debate presidido pelos coordenadores e acompanhado pela participação instigante do público presente na Faculdade de Direito do Centro Universitário Christus - UNICHRISTUS.

Esse fato demonstra a inquietude que os temas debatidos despertam na seara jurídica. Cientes desse fato, os programas de pós-graduação em direito empreendem um diálogo que suscita a interdisciplinaridade na pesquisa e se propõe a enfrentar os desafios que as áreas da sociologia e da antropologia impõem ao direito. Para apresentar e discutir os trabalhos produzidos sob essas perspectivas, os coordenadores do grupo de trabalho dividiram os artigos em quatro blocos, quais sejam a) temas indígenas; b) temas sobre a democracia; c) temas sobre a solidariedade; e d) temas sobre a inclusão cidadã.

Os artigos que ora são apresentados ao público têm a finalidade de fomentar a pesquisa e fortalecer o diálogo interdisciplinar em torno do tema “Sociologia, Antropologia e Cultura Jurídicas”. Trazem consigo, ainda, a expectativa de contribuir para os avanços do estudo desse tema no âmbito da pós-graduação em direito, apresentando respostas para uma realidade que se mostra em constante transformação.

Os Coordenadores

Prof. Dr. Gilmar Antonio Bedin

Prof. Dr. José Renato Gaziero Cella

Prof. Dr. José Vagner de Farias

TEMPO PONTILHISTA E SOCIEDADE IMPREVIDENTE

POINTILLIST TIME AND IMPROVIDENT SOCIETY

Andre Studart Leitao
Othávio Cardoso de Melo

Resumo

A partir da constatação da velocidade e magnitude das transformações sociais, é possível caracterizar um novo modelo de sociedade – a sociedade de consumo – cujos anseios estão ligados à satisfação imediata de necessidades efêmeras. A sociedade de consumo superou dogmas da sociedade de produção, vigente no início do Século XX, que se preocupava com a estabilidade e construção de patrimônio. Uma “sociedade líquido-moderna”, desprovida de senso de previsibilidade e estabilidade, acaba por desenvolver uma nova relação com o tempo, que não mais é visto de forma linear – com presente, passado e futuro – mas como uma sucessão de presentes infinitos, o tempo pontilhista. Essa nova perspectiva, também relacionada à fruição de satisfações imediatas, influenciou significativamente o senso de previsibilidade, mitigando o interesse na construção de patrimônio e na preparação para o futuro. Uma realidade transcendente, sem passado e sem futuro, causa preocupações, especialmente para a previdência social, levando à necessidade de uma abordagem crítica para a conscientização das pessoas e das autoridades.

Palavras-chave: Tempo, Pontilhista, Consumismo, Imprevidência, Efemeridade

Abstract/Resumen/Résumé

Given the observation of the speed and magnitude of social transformations, it is possible to characterize a new model of society – the consumer society – whose desires are linked to the immediate satisfaction of ephemeral needs. The consumer society has surpassed the dogmas of the production society, prevalent in the early 20th century, which was concerned with stability and the accumulation of wealth. A "liquid-modern society," devoid of a sense of predictability and stability, ends up developing a new relationship with time, which is no longer seen in a linear fashion – with past, present, and future – but as a succession of infinite presents, a pointillist time. This new perspective, also related to the enjoyment of immediate gratifications, has significantly influenced the sense of predictability, diminishing interest in wealth accumulation and future planning. A transcendent reality, without past and future, raises concerns, particularly for social security, leading to the need for a critical approach to raise awareness among individuals and authorities.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Time, Pointillist, Consumerism, Unpredictability, Ephemerality

1 INTRODUÇÃO

No momento em que o bombardeio e a velocidade das informações atingem níveis nunca vistos, a sociedade passa por transformações incalculáveis. As pessoas não conseguem se desconectar de um presente intenso para pensarem em um futuro desconhecido e aparentemente insignificante. A sociedade parece presa em um instante psicológico e desconectada do tempo cronológico.

Enquanto a sociedade de produção do início do Século XX era pautada na previsibilidade e na preparação para o futuro, a sociedade de consumidores está presa na satisfação imediata de seus anseios, sem qualquer preocupação com o amanhã. Essa nova realidade é constatada diariamente nas redes sociais, onde a necessidade de exibição é maior do que o interesse na fruição dos momentos.

A vida exige previdência, mas a forte conexão com o presente leva à despreocupação com a posteridade. Não se pode negar o futuro e pouco sabemos sobre ele, mas certamente o porvir carrega as marcas de um tempo implacável: saúde debilitada, manutenção da prole e cuidados especiais. Essas preocupações geram custos adicionais e a provisão desses valores deve ser iniciada o quanto antes, sob pena de depender da previdência e assistência sociais, cada vez mais deficitárias.

A despeito da necessidade de previdência, a sociedade pós-moderna gira em um redemoinho do tempo, *quando* presente, passado e futuro se concentram em um momento eterno, um momento de satisfação, que se chama tempo pontilhistas. Encarcerada no desfrute de sensações momentâneas, a sociedade não percebe que o tempo cronológico continua correndo, implacavelmente.

Os custos permanecem agendados, as prestações crescem em uma progressão aritmética, e os “juros” incidem desde *agora*, podendo repercutir não apenas no bolso dos cidadãos, mas na própria saúde mental, como um choque de realidade, até então desconhecida pelo estado de alienação proporcionado pelo espírito consumista.

O problema assume relevância ímpar no Brasil, cuja população é demasiadamente jovem e a falta de preparação para o futuro sobrecarregará a previdência pública com benefícios de prestação continuada, que já não são acobertados pelas atuais fontes de custeio, mesmo nesse momento em que predomina a jovialidade, a força de trabalho.

Através do método qualitativo-dedutivo e procedimento bibliográfico, o presente artigo fará uma breve abordagem da relação do homem com o tempo, além de um comparativo entre o atual modelo de sociedade – tido como “sociedade de consumo” – com o antigo modelo – considerado “sociedade de produtores” – para delinear como o comportamento imediatista afetará o futuro e como a falta de previdência causará prejuízos nefastos, individualmente e coletivamente.

O propósito deste artigo não é fornecer prognósticos detalhados ou apresentar soluções práticas e imediatas para os desafios enfrentados. Em vez disso, a meta principal é abordar a questão em discussão a partir de uma perspectiva filosófica, com o intuito de estimular um debate profundo e uma reflexão crítica sobre as rápidas e, muitas vezes, turbulentas transformações sociais. Há uma necessidade premente de sensibilizar e conscientizar a população sobre os riscos inerentes a essa desconexão entre os problemas e as atitudes tomadas para abordá-los. Essa desconexão pode levar a um estado de imprevidência, onde as consequências de decisões mal planejadas se tornam cada vez mais graves.

Embora seja verdade que não se pode prever o futuro com certeza absoluta, essa incerteza é, paradoxalmente, o pilar fundamental da noção de previdência. O argumento de que não podemos antecipar o que está por vir é frequentemente empregado como uma justificativa para a negligência ou leviandade nas decisões tomadas. No entanto, é precisamente a imprevisibilidade do futuro que nos impõe a responsabilidade de estar preparados para uma gama variada de cenários e possibilidades. É crucial entender que a ignorância quanto ao futuro não deve servir como um alibi para a falta de preparação, mas sim como um impulso para estar sempre pronto para enfrentar o inesperado.

2 SOCIEDADE DE PRODUTORES *VERSUS* SOCIEDADE DE CONSUMO

A aceleração das transformações sociais é cada vez mais intensa e, na mesma medida, modifica profundamente a relação do ser humano com o seu ambiente circundante. O dinamismo inerente a essas interações torna-se palpável em todas as esferas e contextos da vida social. Em um mundo em constante mudança, o futuro se apresenta como algo cada vez mais incerto e imprevisível, levantando questões e desafios que exigem atenção e reflexão contínua. A situação é bem elucidada por Schwab (2019, p. 14):

Atualmente, enfrentamos uma grande diversidade de desafios fascinantes; entre eles, o mais intenso e importante é o entendimento e a modelagem

da nova revolução tecnológica, a qual implica nada menos que a transformação de toda a humanidade. Estamos no início de uma revolução que alterará profundamente a maneira como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Em sua escala, escopo e complexidade, a quarta revolução industrial é algo que considero diferente de tudo aquilo que já foi experimentado pela humanidade.

Ao discutir o fenômeno que ele denomina de "Quarta Revolução Industrial", Schwab (2019) enfatiza que a velocidade das transformações sociais e tecnológicas é simplesmente inestimável, diferenciando-se radicalmente de qualquer revolução que já tenhamos presenciado anteriormente. Essa mudança tem impactado de forma significativa e profunda não apenas o comportamento humano, mas também as formas como as pessoas se relacionam entre si e a maneira como escolhem alocar seus recursos financeiros em um mundo em constante evolução.

Bauman (2008) examina este emergente modelo social através da lente do consumismo, e o denomina como "sociedade de consumo". Ele estabelece um contraste explícito entre essa nova configuração e a antiga "sociedade de produtores", dominante no início do século XX. O autor busca entender as nuances dessa transição e como ela molda as relações e dinâmicas sociais atuais. Segundo o filósofo, o antigo modelo priorizava a constituição de patrimônio e a estabilidade (BAUMAN, 2008, p.42):

A apropriação e a posse de bens que garantam (ou pelo menos prometam garantir) o conforto e o respeito podem de fato ser as principais motivações dos desejos e anseios na sociedade de produtores, um tipo de sociedade comprometida com a causa da segurança estável e da estabilidade segura, que baseia seus padrões de reprodução a longo prazo em comportamentos individuais criados para seguir essas motivações.

A sociedade de produtores, principal modelo societário da fase "sólida" da modernidade, foi basicamente orientada para a segurança. Nessa busca, apostou no desejo humano de um ambiente confiável, ordenado, regular, transparente e, como prova disso, duradouro, resistente ao tempo e seguro. Sendo a segurança a longo prazo o principal propósito e o maior valor, os bens adquiridos não se destinavam ao consumo imediato - pelo contrário, deviam ser protegidos da depreciação ou dispersão e permanecer intactos.

Na era sólido-moderna da sociedade de produtores, a satisfação parecia de fato residir, acima de tudo, na promessa de segurança a longo prazo, não no desfrute imediato de prazeres.

Para Bauman, a antiga sociedade de produtores tinha uma visão voltada para o longo prazo e direcionava seus recursos para investimentos em bens que simbolizassem segurança e

promovessem a estabilidade econômica e social. Os atores sociais desse período se diferenciavam primordialmente pela acumulação e constituição de um patrimônio sólido. Até o comportamento consumista daquela época estava fortemente centrado na durabilidade e na estabilidade das mercadorias adquiridas, produtos esses que eram projetados com o intuito de terem uma longevidade considerável, visando a perpetuidade e a transmissão de riqueza (BAUMAN, 2008, p.44):

(...) Metais nobres e jóias preciosas, objetos favoritos de exibição, não iriam oxidar e perder o brilho, sendo resistentes aos poderes destrutivos do tempo; graças a essas qualidades, representavam a permanência e a confiabilidade contínua.

(...)

Tudo isso fazia sentido na sociedade sólido-moderna de produtores - uma sociedade, permitam-me repetir, que apostava na prudência e na circunspeção a longo prazo, na durabilidade e na segurança, e sobretudo na segurança durável de longo prazo.

Como observa o filósofo, o consumismo tinha como foco a durabilidade e a segurança imanescentes àquelas mercadorias. Entretanto, o dinamismo renunciado pela quarta revolução industrial alterou essa perspectiva, dando instabilidade aos desejos e levando à insaciabilidade das necessidades. Sobre essa transformação, o autor explica que (BAUMAN, 2008, p.43):

Na época em que Thorstein Veblen o descreveu com vivacidade, no começo do século XX, o "consumo ostensivo" portava um significado bem distinto do atual: consistia na exibição pública de riqueza com ênfase em sua solidez e durabilidade, não em uma demonstração da facilidade com que prazeres imediatos podem ser extraídos de riquezas adquiridas, sendo pronta e plenamente usadas, digeridas e saboreadas, ou removidas e destruídas ao estilo potlatch.

Nesse correr, as pessoas não mais se conformam com o gasto programado e pautado na segurança de longo prazo. Aquele consumismo que se pautava na exibição dos bens adquiridos passou a ostentar a própria sensação de consumo. A sociedade que ajustava suas necessidades à acumulação de bens adotou um comportamento consumista, voltado à satisfação de prazeres imediatos (BAUMAN, 2008, p.44):

(...) Mas o desejo humano de segurança e os sonhos de um "Estado estável" definitivo não se ajustam a uma sociedade de consumidores. No caminho que conduz a esta, o desejo humano de estabilidade deve se transformar, e de fato se transforma, de principal ativo do sistema em seu maior risco,

quem sabe até potencialmente fatal, uma causa de disrupção ou mau funcionamento. Dificilmente poderia ser de outro jeito, já que o consumismo, em aguda oposição às formas de vida precedentes, associa a felicidade não tanto à satisfação de necessidades (como suas "versões oficiais" tendem a deixar implícito), mas a um volume e uma intensidade de desejos sempre crescentes, o que por sua vez implica o uso imediato e a rápida substituição dos objetos destinados a satisfazê-la. Ele combina, como Don Slater identificou com precisão, a insaciabilidade dos desejos com a urgência e o imperativo de "sempre procurar mercadorias para se satisfazer". Novas necessidades exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos; o advento do consumismo augura uma era de "obsolescência embutida" dos bens oferecidos no mercado e assinala um aumento espetacular na indústria da remoção do lixo.

A transformação defendida por Bauman (2008) não afetou apenas a relação do homem com as mercadorias, mas também a interação consigo mesmo e com o tempo, criando o que o filósofo chama de “sociedade líquido-moderna” e levando a uma “renegociação do significado do tempo”. Essa nova forma de se relacionar é muito bem elucidada pelo filósofo (BAUMAN, 2004, p. 31):

Nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante. Essa razão nega direitos aos vínculos e liames, espaciais ou temporais. Eles não têm necessidade ou uso que possam ser justificados pela líquida racionalidade moderna dos consumidores. Vínculos e liames tornam "impuras" as relações humanas — como o fariam com qualquer ato de consumo que presuma a satisfação instantânea e, de modo semelhante, a instantânea obsolescência do objeto consumido. Os advogados de defesa das "relações impuras" teriam de se esforçar para tentar convencer os jurados e obter sua aprovação.

A liquidez na sociedade moderna representa a ausência de algo concreto e sólido sobre o qual se possa construir. Em resposta a essa fluidez, houve uma mudança notável na maneira como a sociedade aborda o futuro: deixou-se de pensar em planos de longo prazo, de acumular bens para a longevidade, e passou-se a um foco quase exclusivo no imediatismo. Esse enfoque contemporâneo tende a ignorar tanto a passagem inexorável do tempo quanto a vital necessidade de planejamento e previdência. Essas transformações profundas exerceram um impacto significativo na relação do ser humano com o conceito de tempo, algo que será explorado em detalhes no próximo tópico deste estudo.

3 O HOMEM E O TEMPO

O tempo é uma grandeza física e pode ser definido como o correto sequenciamento, mediante ordem de ocorrência, dos eventos naturais. Esse fenômeno é estudado pela cronologia, ciência responsável por organizar os eventos em sua ordem de ocorrência, baseando-se na cronometria e na historiografia. O tempo cronológico é acompanhado pelo relógio, pelo calendário, ao qual a sociedade deve se adequar.

A repercussão do tempo cronológico na vida é bastante clara pelas etapas de desenvolvimento de um ser humano: infância, adolescência, idade adulta e velhice. Cada uma com suas peculiaridades, essas etapas marcam o desenvolvimento fisiológico, desde o nascimento até a morte. Entretanto, a Teoria da Relatividade de Einstein afastou a noção de tempo como uma grandeza absoluta, ao entender que espaço e tempo eram inseparáveis, embora a percepção humana os interpretasse de forma independente.

A relação do homem com o tempo é bastante curiosa e provoca muitas discussões. O relógio provoca alterações biológicas, discussões filosóficas e sequelas psicológicas. O tema é abordado pela literatura no conto “O Curioso Caso de Benjamin Button”, de F. Scott Fitzgerald (1896-1940). No cinema, a linha do tempo é explorada na bem-sucedida trilogia “De Volta para o Futuro” (1985), escrito por Robert Zemeckis e Bob Gale.

O estudo do homem e de sua relação com o tempo sempre atraiu a atenção de filósofos e sociólogos, como Maffesoli (2003, p.64) que questiona o modelo linear e quantitativo como o tempo foi historicamente concebido. Para o filósofo, a temática requer discussão:

A modernidade se fundou, progressivamente, sobre uma concepção muito mecânica do tempo. Um tempo útil, um tempo estritamente linear, um tempo projetivo. E o tempo da história individual, da história social. Tempo com um princípio e um fim, cuja hegemonia parece ter feito tabula rasa de qualquer outro tipo de temporalidade. Aliás, quando queremos falar de um tempo que não se finda, estamos obrigados a recorrer a outro termo: a duração. É tal hegemonia - e talvez pelo fato de que atualmente seja posta em questão - que deve nos convidar a ficar atentos às modulações que revestem a duração.

Essa discussão, que muito se coaduna com os efeitos da modernidade, não é nova. A mitologia grega já distinguia o tempo em duas palavras: *Chronos* e *kairós*. O primeiro representava o tempo cronológico, quantitativo, medido pelo relógio; o segundo representava um tempo

qualitativo, um momento indeterminado no tempo, o momento oportuno¹. Martins (1998, p.14) acredita que o homem vive uma dupla temporalidade: a primeira seria cronológica, demarcada de forma linear por horas, dias e anos; a segunda desconheceria datas, seria regida pela vivência, pela experiência, por isso seria cíclica e não linear. Para ele, presente, passado e futuro se confundem:

O que é passado ou o que é futuro é, também, o presente no mundo. Nas coisas em si mesmas, porém, o futuro não existe ainda e o passado não está muito longe, enquanto que o presente, falando-se estritamente, é infinitesimal; neste caso, quando segmentado em momento cronológico, a ideia de tempo entra em colapso. (...) Tal passado e tal futuro existem, inconfundivelmente no mundo, mas eles existem também na totalidade do presente. Isto porque tudo o que é, em si mesmo, precisa de uma ordem temporal, de estar num lugar, e de ser anteriormente e posteriormente.

Toda essa problemática do homem com o tempo assume relevância na modernidade. As pessoas sentem o tempo congelar na frente de aparelhos celulares, sem perceberem que o relógio cronológico que não aguarda, e parece mesmo acelerar. Essa desconexão com o tempo cronológico e seu apego ao momento presente são característicos da sociedade pós-moderna.

Analisando essa relação do homem com o tempo na sociedade pós-moderna, Maffesoli (*apud* BAUMAN, 2008) fala sobre um tempo descontínuo formado por pontos sucessivos, não lineares, marcados por intervalos que rompem a continuidade entre eles (BAUMAN, 2008, p.46):

O tempo pontilhista é fragmentado, ou mesmo pulverizado, numa multiplicidade de "instantes eternos" - eventos, incidentes, acidentes, aventuras, episódios -, mônadas contidas em si mesmas, parcelas distintas, cada qual reduzida a um ponto cada vez mais próximo de seu ideal geométrico de não-dimensionalidade. (...) A vida, seja individual ou social, não passa de uma sucessão de presentes, uma coleção de instantes experimentados com intensidades variadas.

Bauman (2008, p.46) chama atenção para outro ponto preocupante, que é a inconsistência e falta de continuidade dessa perspectiva pontilhista. Para o filósofo, qualquer solução de continuidade seria fruto de uma análise retrospectiva, e não fruto de uma construção lógica:

O tempo pontilhista é mais proeminente por sua inconsistência e falta de coesão do que por seus elementos de continuidade e constância; nessa espécie de tempo, qualquer continuidade ou lógica causal capaz de conectar pontos sucessivos tende a ser inferida e/ou construída na

¹ KAIRÓS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Kair%C3%B3s&oldid=63219561>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

extremidade final da busca retrospectiva por inteligibilidade e ordem, estando em geral conspicuamente ausente entre os motivos que estimulam o movimento dos atores entre os pontos.

O descasamento entre os eventos temporais, a falta de coerência lógica na construção da linha do tempo, acabam fortalecendo o viés retrospectivo, uma espécie de atalho utilizado pelo cérebro para simplificar o raciocínio, como bem explica Kahneman (2012, p. 272):

A ideia de que o futuro é imprevisível é solapada diariamente pela facilidade com que o passado é explicado. Como apontou Nassim Taleb em *A lógica cisne negro*, nossa tendência a construir narrativas coerentes do passado faz com que nos seja difícil aceitar os limites de nossa capacidade de fazer prognósticos. Tudo faz sentido quando visto em retrospectiva, fato que gurus financeiros exploram toda noite ao oferecer relatos convincentes sobre os eventos do dia. E não podemos suprimir a intuição poderosa de que o que faz sentido em retrospectiva hoje era previsível ontem. A ilusão de que compreendemos o passado fomenta a superconfiança em nossa capacidade de prever o futuro.

Desconectados da cronologia dos fatos, vivendo *presentes* que se renovam ciclicamente, os seres humanos serão incapazes de reconstruir a linha do tempo sem recorrerem ao viés retrospectivo, que avalia toda a cadeia de acontecimentos como base nos resultados atingidos.

Aprisionado no momento presente, o homem terá dificuldade de fazer projeções do futuro, pois o desfrute excessivo das emoções momentâneas nada mais é do que a própria negação das responsabilidades futuras. Mas caso essa “desconcentração” realmente aconteça, caso as pessoas estejam olvidando a preparação para o futuro, como a sociedade e as autoridades poderiam agir para equilibrar os anseios e recuperar as forças?

É importante discutir se essa nova forma de sociedade não prejudicará o planejamento e a solidez do futuro, uma vez que o modelo social que preconizava a estabilidade foi extirpado. Para tanto, é preciso entender como o tempo pontilhista pode ser prejudicial à construção do futuro.

4 A SOCIEDADE IMPREVIDENTE

Conforme ponderado anteriormente, a sociedade moderna não procura um ambiente sólido e não se preocupa com a estabilidade futura. A consolidação patrimonial e o consumo de

bens duráveis ficaram no passado. Hoje, as pessoas buscam a satisfação de anseios momentâneos e aplicam seus recursos na busca prazeres imediatos.

Naturalmente, essa hipermetropia reduz as expectativas e enfraquece o senso de continuidade. A sociedade esquece o porquê de seus esforços, esquece a importância da provisão, e acaba reavaliando o próprio sentido da vida (MAFFESOLI, 2003, p.69):

Vida sem objetivo exterior a si mesma, que é, ao mesmo tempo, causa e efeito de uma renovação destinal, assim como uma reavaliação do ciclo. É dizer que os fenômenos "arcaicos", que a modernidade acreditou ultrapassados, tendem a voltar ao primeiro plano da coisa social. "Reencantamento" do mundo, já disse. A atualidade dá, nesse sentido, uma multiplicidade de exemplos que, essencialmente, destacam a imobilização do tempo. Ou seja, a valorização do banal, do ordinário, de tudo o que caracteriza o cotidiano. O presente é privilegiado como expressão da presença da vida. Podemos resumir em uma espécie de "instante eterno", em que a suspensão do tempo, a diminuição da velocidade da existência favorecem a intensidade, o qualitativo, o aprofundamento das relações sociais e a apreciação do mundo tal como é.

É inegável que diante da falta de perspectiva, da ausência de balizas, o ser humano começa a se apegar a propósitos espúrios. A trivialidade e a banalidade começam a penetrar na rotina das pessoas, que esquecem da necessidade de pragmatismo, planejamento e precaução. Essa preocupação é demonstrada por Bauman (2008, p.45):

Um ambiente líquido-moderno é inóspito ao planejamento, investimento e armazenamento de longo prazo. De fato, ele tira do adiamento da satisfação seu antigo sentido de prudência, circunspeção e, acima de tudo, razoabilidade. A maioria dos bens valiosos perde seu brilho e sua atração com rapidez, e se houver atraso eles podem se tornar adequados apenas para o depósito de lixo, antes mesmo de terem sido desfrutados.

Para Bauman (2008, p.177) o fortalecimento do Estado Social seria a única forma de evitar a marginalização de parcela da sociedade alienada pelo consumismo desenfreado. O filósofo acredita que a solução estaria no princípio da solidariedade:

A aplicação desse princípio pode proteger, o que com frequência faz, homens e mulheres da praga da pobreza; e ainda mais importante, contudo, é que pode se tornar uma abundante fonte de solidariedade, capaz de reciclar a "sociedade" num bem comum, compartilhado, de propriedade comum e conjuntamente cuidado, graças à defesa que fornece contra os horrores gêmeos da miséria e da indignidade - ou seja, os horrores de ser excluído, cair ou ser empurrado para fora do veículo do progresso em

rápida aceleração, ser condenado à "redundância social", sendo-lhe negado o respeito merecido pelos seres humanos, e ser designado como "dejeito humano".

Certamente, a assistência social é uma das maiores proteções à marginalização de parcela da sociedade. Entretanto, a falta de planejamento é preocupante. Em 2020, o Brasil possuía 7 (sete) pessoas em idade ativa para cada idoso (bônus demográfico). A expectativa é que em 2060 existam apenas 2,35 (duas vírgula trinta e cinco) pessoas em idade ativa para cada idoso². Desse modo, o futuro promete uma redução considerável na proporção de pessoas em idade ativa em relação aos aposentados.

Do ponto de vista demográfico, essa redução na proporção entre pessoas em idade ativa e aposentados decorre, basicamente, de dois fatores: (i) o progressivo aumento na expectativa de vida; (ii) a progressiva redução da taxa de natalidade.

Apenas para se ter noção dos impactos previdenciários do prolongamento da vida das pessoas, de acordo com dados do IBGE, entre 1940 e 2020, a expectativa de vida unificada dos nossos cidadãos aumentou 31,1 anos³. Essa informação, mais do que qualquer outra coisa, prova claramente a necessidade de adaptar os seguros públicos à luz das mudanças demográficas. Uma coisa é estimar a despesa previdenciária num país em que a expectativa de vida gira em torno de sessenta anos; outra coisa é estimar a despesa previdenciária num país em que a expectativa de vida supera os setenta e três anos. Quanto mais anos de vida, maior será a duração dos benefícios e, conseqüentemente, maior será a despesa previdenciária (LEITÃO; PIERDONÁ, 2023).

Outro desafio para os atuários da previdência consiste na redução das taxas de natalidade. Inúmeros levantamentos oficiais revelam decréscimos relevantes quantidade anual de nascidos vivos⁴. Vários fatores vêm contribuindo para isso acontecer, como a urbanização, o planejamento familiar, a disponibilização de métodos contraceptivos, a melhoria das condições de educação, a procrastinação do casamento, a inserção das mulheres no mercado de trabalho e o custo efetivo de criar filhos.

² Fonte: IBGE.

³ Informação extraída do sítio eletrônico da Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-11/ibge-esperanca-de-vida-do-brasileiro-aumentou-311-anos-desde-1940>. Acesso em 13 out. 2022.

⁴ Disponível em: <https://www.seade.gov.br/entre-2000-e-2020-o-numero-medio-de-filhos-passou-de-208-filhos-por-mulher-para-156/>

Ora, considerando que o trabalho das pessoas é uma fonte de arrecadação fundamental para a previdência, chega-se à seguinte conclusão: se atualmente registram-se menos nascimentos, nas próximas décadas, haverá menos pessoas em idade ativa. Isso significa menos receita para a previdência social (LEITÃO; PIERDONÁ, 2023).

Mesmo com uma quantidade significativa de pessoas em idade ativa (bônus demográfico), em 2021 a previdência social brasileira teve um déficit de R\$ 247,3 bilhões⁵. Além do descontrole de gastos, quais seriam as razões para isso acontecer?

Em primeiro lugar, não se podem ignorar os riscos intrageracionais, como as doenças incapacitantes. Nos últimos tempos, as pessoas estão adoecendo cada vez mais. Além das endemias, das pandemias contemporâneas (H1N1 e COVID-19) e das doenças inerentes ao grupo etário⁶ (doenças cardiovasculares, diabetes, catarata, Alzheimer, hipertensão arterial, osteoporose etc.), há o câncer e as doenças do cansaço e da mente (depressão e Burnout⁷). Essas contingências pressionam ainda mais as contas públicas (LEITÃO; PIERDONÁ, 2023).

Não só isso, os novos arranjos trabalhistas (automatização, desemprego tecnológico, informalidade e plataformas colaborativas de trabalho) provocam reduções drásticas no modelo de emprego (relação bilateral que enseja o pagamento de contribuição do empregado e do empregador). Ainda que o exercício de atividade por conta própria obrigue o indivíduo ao pagamento da contribuição previdenciária, deve-se ponderar que milhões de trabalhadores preferem ignorar a exigência tributária, seja pela escassez recursos para prover uma subsistência digna, seja pelo imensurável poder do viés comportamental do presente. Num cenário em que a fiscalização estatal definitivamente não é eficiente (muito menos onipresente ou onisciente), deduz-se que as receitas previdenciárias sofrem cada vez mais.

Todo esse desequilíbrio escancara a falta de preocupação das autoridades, que não têm interesse em arcar com os custos políticos da impopularidade desse tipo de reforma. Há movimento inclusive no sentido de se desfazerem as reformas até então conquistadas. A alienação e incapacidade dos tomadores de decisões de antever as necessidades causa grande preocupação (SCHWAB, 2019, p.15):

⁵ Fonte: <https://monitormercantil.com.br/>

⁶ O prolongamento da vida das pessoas naturalmente aumenta a incidência de casos.

⁷ HAN, Byung-CHUL. A sociedade do cansaço. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2017.

As mudanças são tão profundas que, na perspectiva da história humana, nunca houve um momento tão potencialmente promissor ou perigoso. A minha preocupação, no entanto, é que os tomadores de decisão costumam ser levados pelo pensamento tradicional linear (e sem ruptura) ou costumam estar muito absorvidos por preocupações imediatas; e, portanto, não conseguem pensar de forma estratégica sobre as forças de ruptura e inovação que moldam nosso futuro.

Se os tomadores de decisão se mostram incapazes de serem previdentes, como exigir da sociedade uma postura defensiva? Como fazer o ser humano sair do encantamento do consumo para enxergar a vida como a construção de algo sólido? Como restaurar os princípios da sociedade de produção?

Refletindo sobre a falta de racionalidade nas decisões, Sustain e Thaler (*apud* KAHNEMAN, 2012) escreveram um livro chamado *Nudge*, no qual defendem a adoção de incentivos, chamados *nudges* (“cutucões”) para fomentarem as iniciativas de poupança e proteção de trabalhadores (KAHNEMAN, 2012, p.517):

Uma característica notável do paternalismo libertário é seu apelo por todo um amplo espectro político. O carro-chefe de uma política pública comportamental, chamado *Save More Tomorrow* (Poupe mais para Amanhã), foi apresentado no Congresso por uma coalizão incomum que incluía tanto conservadores extremos como liberais. O *Save More Tomorrow* é um plano financeiro que as empresas podem oferecer a seus empregados. As pessoas que o assinam autorizam o patrão a aumentar sua contribuição para um plano de poupança mediante uma proporção fixa sempre que recebem um aumento. A taxa crescente de poupança é implementada automaticamente até o empregado dizer que não quer mais participar. Essa inovação brilhante, proposta por Richard Thaler e Shlomo Benartzi em 2003, hoje melhorou a taxa de poupanças e as perspectivas futuras de milhões de trabalhadores. Ela está baseada solidamente nos princípios psicológicos que os leitores deste livro hão de reconhecer. Ela evita a resistência a uma perda imediata ao não exigir qualquer mudança imediata; ao vincular o crescimento da poupança aos aumentos de salário, transforma perdas em ganhos perdidos, com os quais é muito mais fácil de arcar; e a característica de automatismo alinha a preguiça do Sistema 2 com os interesses de longo prazo dos trabalhadores. Tudo isso, é claro, sem obrigar ninguém a fazer alguma coisa que não queira e sem qualquer orientação mal-intencionada ou artimanha.

Uma iniciativa bastante parecida no Brasil é o FGTS, que funciona como uma espécie de poupança obrigatória do trabalhador. Entretanto, a compulsoriedade e a baixa rentabilidade

transformam a medida mais em uma fonte de recursos para o governo, do que uma poupança para o trabalhador. O ideal seria promover a educação financeira dos cidadãos e incentivar a poupança por meio de desonerações fiscais, como no caso das deduções de contribuição para previdência privada da base de cálculo do imposto de renda.

O imediatismo e a falta de previdência da sociedade também podem ser observados na proliferação de contratos de adesão. Bulgarelli (1998, p.96) assevera que tais modalidades contratuais são constituídas validamente, mas não descarta a ideia de que esse negócio jurídico não é dotado de pleno consentimento, já que as cláusulas geralmente são desconhecidas pela parte aderente.

Portanto, as transformações ocorridas na sociedade pós-moderna levaram ao imediatismo e à efemeridade as relações. As pessoas não conseguem acompanhar o tempo cronológico e, presas ao presente, não vislumbram o futuro. As autoridades precisam ficar atentas a essas características, adotando medidas que eduquem os cidadãos. De sua parte, os cidadãos devem agir com prudência atentando para os sintomas do consumismo e para a falta de significação de suas atitudes, que devem ser situadas também no tempo cronológico.

5 CONCLUSÃO

A sociedade líquido-moderna é um enigma complexo que continua a desafiar a compreensão e a adaptabilidade dos tomadores de decisão. Enquanto enfrentamos um fluxo incessante de informações, publicidade e estímulos que geram um nível sem precedentes de ansiedade, a burocracia estatal, com seu ritmo muitas vezes lento e obsoleto, parece inadequada para responder às demandas emergentes da população. A ineficácia crescente da burocracia em face desses novos desafios leva a uma frustração e insatisfação cada vez maiores por parte dos cidadãos, tornando premente a necessidade de abordagens mais ágeis e sintonizadas com as complexidades da vida moderna.

A crescente onda de ansiedade que permeia a vida social, frequentemente aliviada apenas por curtos intervalos de desconexão da realidade ou pela busca de gratificações instantâneas, exemplifica um contraste profundo e revelador com o antigo modelo de sociedade de produção, que priorizava a acumulação gradual de riqueza e a aplicação cuidadosa de recursos financeiros

com uma visão de longo prazo, tudo com o objetivo de assegurar uma estabilidade e solidez duradouras.

O presente agora é tudo o que parece importar, e esse momento atual encapsula tanto o passado quanto o futuro em uma explosão de expectativas quase infinitas e momentos que parecem eternos. Ainda é incerto como essa nova configuração social impactará nossa existência no longo prazo, mas uma coisa é clara: tanto as autoridades quanto os cidadãos comuns precisam agir com previdência, preparando-se para o que o futuro (ou seria o próximo presente?) possa trazer.

Em uma sociedade presa em um ciclo interminável de instantaneidade, é essencial que encontremos maneiras de reavaliar nosso passado e viver nosso presente com maior conscientização. Esse descompasso entre expectativa e realidade está se tornando cada vez mais a norma, e não a exceção. Apenas uma abordagem coordenada e multidisciplinar, envolvendo campos como psicologia, sociologia e economia, poderia elaborar estratégias eficazes para guiar a sociedade líquido-moderna em direção a uma "terapia ocupacional", a uma nova compreensão do tempo e a uma visão de mundo renovada.

É imperativo que as autoridades governamentais façam investimentos significativos na educação básica e na conscientização da população jovem sobre os desafios e as oportunidades. Além disso, é vital fortalecer o Estado de bem-estar social utilizando superávits financeiros e desenvolvendo programas de ressocialização destinados àqueles que se tornaram vítimas de formas de alienação na sociedade líquido-moderna. Paralelamente a essas medidas institucionais, recai sobre cada indivíduo a responsabilidade de viver o momento presente com uma consciência plena do passado e com a expectativa otimista de que o futuro oferecerá mais do que apenas um "novo presente".

O homem desenha o seu futuro na medida em que reavalia o passado e vive o presente, mas a sociedade líquido-moderna parece presa a um "instante eterno". Essa temporalidade peculiar favorece uma avaliação retrospectiva do passado que frequentemente resulta em conclusões pré-concebidas, que se afastam de um raciocínio lógico e ponderado. Neste cenário complexo, o descompasso entre as expectativas individuais e a realidade social se torna cada vez mais comum, estabelecendo-se como o "novo normal".

O tempo cronológico serve como uma medida física e objetiva, enquanto o tempo kairológico é de natureza puramente subjetiva e emocional. Embora não exista uma equação ou fórmula matemática que os conecte de maneira direta e inequívoca, a simples tomada de

consciência de que ambos coexistem e que a discrepância entre eles tem o potencial de causar uma catástrofe social na era pós-moderna é, por si só, um avanço significativo. Esse reconhecimento serve como um primeiro passo na jornada em direção à reformulação e à reconstrução de uma sociedade mais equilibrada e sustentável.

REFERÊNCIAS

ADERALDO, Carlos V. L. AQUINO, Cassio A. B. SEVERIANO, Maria de Fátima V. **Aceleração, tempo social e cultura do consumo**. Cad. EBAPE.BR 18 (2) • Apr-Jun 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cebape/a/Vq8CxsJ6xpwcyjGt9SqMgBz/?lang=pt#>. Acessado em 18 de setembro de 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade**. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2010.

BULGARELLI, Waldirio. **Contratos mercantis**. São Paulo: Atlas, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: A era da Informação: economia, sociedade e cultura**. Tradução Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FROMM, Erich. **Ter ou Ser?** Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: Breve História do Amanhã**. Tradução Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e Devagar: duas formas de pensar**. Tradução Cássio de Arantes Leite. 1ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LEITAO, Andre Studart; PIERDONA, Zélia Luiza . **As Cartas de Dignus e Efcis: reforma previdenciária, dignidade e eficiência**. In: AMADO, Frederico; MACIEL, Fernando; RIBEIRO, Rodrigo Araújo. (Org.). *A Reforma da Previdência Social na Visão dos Advogados Públicos*. 1ed. São Paulo: Editora JusPodivm, 2023, v. 1, p. 71-100.

MAFFESOLI, Michel. **O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. 1 ed. Tradução de Rogério de Almeida. São Paulo: Zouk, 2003.

MARTINS, Joel. **Não somos cronos, somos kairós**. In: *Revista Kairós. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia*. Ano 1; N° 1. EDUC. São Paulo. 1998.

SCHWAB, Klaus. **A Quarta Revolução Industrial**. Tradução: Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2019.

TEMPO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Tempo&oldid=64983138>>. Acesso em: 27 dez. 2022.